

	Brasília
o que é pensar? aventuras do pensamento entre a antiguidade e a modernidade FRANCIS WOLFF	31 AGO
o pensar em pessoa JOSÉ MIGUEL WISNIK	18 SET
o que poincaré sussurrou para valéry LUIZ ALBERTO OLIVEIRA	21 SET
a representação técnica do mundo e a inexperiência do pensamento FRANKLIN LEOPOLDO E SILVA	22 SET
há situações em que é imoral pensar? VLADIMIR SAFATLE	24 SET
imagem-língua, imagem mercadoria, imagem sem imaginação: a fabricação industrial de signos visuais num tempo em que o olhar não se distingue do trabalho EUGÊNIO BUCCI	28 SET
o bem comum e a vontade geral NEWTON BIGNOTTO	05 OUT
a razão niilista, o intelecto e o espírito ANTONIO CICERO	07 OUT
em que sentido podem as crenças importar para a filosofia política RENATO LESSA	08 OUT

Antes das conferências de abertura, o conjunto de música medieval **Atempo** apresentará o programa ESTILO NOVO, NOVA ARTE Polifonia de Florença e Verona no século 14.

Na ocasião, serão lançados os livros *A condição humana: as aventuras do homem em tempos de mutações*, editoras Agir e Sesc SP, e *Vida vício virtude*, editoras Senac SP e Sesc SP.

CURSO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA RECONHECIDO PELO FORUM DE CIÊNCIA E CULTURA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO E PELA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

As conferências do Rio de Janeiro serão transmitidas ao vivo pela Internet | [www.academia.org.br](http://www.academia.org.br)

Artempensamento  
Rua Benjamin Constant, 117 . Glória . RJ  
cep 20241-150  
tel (21) 2252-0374  
artempensamento@dh.com.br

curadoria **Adauto Novaes**  
assistente de curadoria Thiago Hasselmann  
edição de texto Afonso Henriques Neto  
direção de produção Hermano Shigueru Taruma

design gráfico: Marcellus Schinell

	RJ	BH	SP
o pensar em pessoa JOSÉ MIGUEL WISNIK	17 AGO	18 AGO	19 AGO
a representação técnica do mundo e a inexperiência do pensamento FRANKLIN LEOPOLDO E SILVA	18 AGO	19 AGO	20 AGO
heidegger, a técnica e o pensamento OSWALDO GIACOIA	19 AGO	20 AGO	21 AGO
o que poincaré sussurrou para valéry LUIZ ALBERTO OLIVEIRA	24 AGO	28 AGO	26 AGO
o que é pensar? aventuras do pensamento entre a antiguidade e a modernidade FRANCIS WOLFF	25 AGO	26 AGO	27 AGO
ciência e natureza: deslimites da razão e esgotamento ético OLGÁRIA MATTOS	26 AGO	27 AGO	28 AGO
os confins indeterminados do moderno CLAUDEIMBERT	31 AGO	01 SET	02 SET
como nossos jovens pensam? PASCAL DIBIE	01 SET	02 SET	03 SET
o paradoxo da imaginação: a fonte do pensamento, o fim da crença EUGÊNIO ENRIQUEZ	02 SET	03 SET	04 SET
da morte do sujeito à invenção de si: rumo a uma nova experiência de pensamento FRÉDÉRIC GROS	08 SET	09 SET	10 SET
ciências e metafísica: cooperação impossível? PAUL CLAVIER	09 SET	10 SET	11 SET
pensar o mal hoje: de auschwitz a hiroshima, até o fim do mundo JEAN-PIERRE DUPUY	14 SET	15 SET	16 SET
há situações em que é imoral pensar? VLADIMIR SAFATLE	15 SET	16 SET	17 SET
imagem-língua, imagem mercadoria, imagem sem imaginação: a fabricação industrial de signos visuais num tempo em que o olhar não se distingue do trabalho EUGÊNIO BUCCI	16 SET	17 SET	18 SET
em que sentido podem as crenças importar para a filosofia política? RENATO LESSA	21 SET	22 SET	23 SET
o bem comum e a vontade geral NEWTON BIGNOTTO	22 SET	23 SET	24 SET
a razão niilista, o intelecto e o espírito ANTONIO CICERO	23 SET	24 SET	25 SET
ética e política: fim ou renovação? SERGIO PAULO ROUANET	28 SET	29 SET	30 SET
experiência e ficção em wittgenstein JOÃO CARLOS SALLES	29 SET	30 SET	01 OUT
memória e experiência: tempos antiprometeicos? FRANCISCO DE OLIVEIRA	30 SET	01 OUT	02 OUT
mistérios de um mundo sem mistérios JORGE COLI	01 OUT	02 OUT	09 OUT

Inscrições a partir de 3 de agosto

**RIO DE JANEIRO | ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS**  
TEATRO RAIMUNDO MAGALHÃES JÚNIOR  
Av. Presidente Wilson, 203 | Centro  
Informações e inscrições:  
ABL (21)3974-2586 das 12h às 18h | [www.academia.org.br](http://www.academia.org.br)  
Conferências segundas, terças e quartas às 19h

**BELO HORIZONTE | CASA FIAT DE CULTURA**  
Rua Jornalista Djalma Andrade, 1250 | Belvedere  
(31)3289-8900 [casafiat@casafiat.com.br](mailto:casafiat@casafiat.com.br)  
[www.casafiatdecultura.com.br](http://www.casafiatdecultura.com.br)  
Informações e inscrições:  
APPA | Rua Paraíba, 330 sl 912 | Funcionários  
(31)3224-5350 | [appa@appa.art.br](mailto:appa@appa.art.br)  
Conferências terças, quartas e quintas às 19h30

**SÃO PAULO | SESC AVENIDA PAULISTA**  
Av. Paulista, 119 | Paraíso  
[www.sescsp.org.br](http://www.sescsp.org.br)  
Informações e inscrições:  
SESC (11)3179-3700 de terça a sexta das 9h às 22h  
sábados, domingos e feriados das 10h às 19h  
[www.sescsp.org.br](http://www.sescsp.org.br) | [seminario@avenidapaulista.sescsp.org.br](mailto:seminario@avenidapaulista.sescsp.org.br)  
Conferências quartas, quintas e sextas às 19h30

**BRASÍLIA | CAIXA CULTURAL** – TEATRO DA CAIXA CULTURAL  
Setor Bancário Sul, Quadra 4-Lote 3/4 | Anexo da Matriz  
[www.caixa.gov.br/caixacultural](http://www.caixa.gov.br/caixacultural)  
Informações e inscrições:  
(61) 3206.9448 / 81737268  
UnB (61) 3448-0352 ou 3448-0354  
CESPE- CENTRO DE SELEÇÃO E DE PROMOÇÃO DE EVENTOS  
endereço eletrônico para inscrições: [www.gie.cespe.unb.br](http://www.gie.cespe.unb.br)  
Conferências às 19h

CO-PATROCÍNIO: FIAT, Universidade de Brasília, CAIXA, França.Br 2009, APA, FORUM DE CIÊNCIA E CULTURA UFRJ, AMBASSADE DE FRANCE SERVICE DE COOPERATION ET D'ACTION CULTURELLE

APOIO: LEI DE INCENTIVO À CULTURA, BRASIL GOVERNO FEDERAL, Atempensamento, CASAFIAT DECULTURA, CAIXA CULTURAL, SESC SP

**PETROBRAS** APRESENTA

**MUTAÇÃO DO PENSAMENTO**

rio de janeiro | belo horizonte | são paulo | brasília | 17 de agosto a 09 de outubro de 2009

REALIZAÇÃO: Atempensamento, CASAFIAT DECULTURA, CAIXA CULTURAL, SESC SP

[www.cultura.gov.br/culturaepensamento](http://www.cultura.gov.br/culturaepensamento)

**o espírito recusa habitar a sua obra**  
ADAUTO NOVAES

*O ser exige de nós criação para que dele tenhamos experiência*  
MAURICE MERLEAU-PONTY

Depois de expor as novas configurações do mundo e depois de interrogar sobre a condição humana, ou o lugar do homem neste novo mundo, chegamos ao terceiro movimento das mutações com outra pergunta: como se faz a experiência do pensamento no mundo dominado pela tecnociência?

Se nos ciclos anteriores partimos da hipótese de que a revolução tecnocientífica é feita no vazio do pensamento, isso não quer dizer que não haja trabalho do pensamento, mas que os novos pensamentos não vieram ainda à expressão e que não se pode tirar dos pensamentos passados "teorias" para o futuro. Novas experiências levam a novos pensamentos: "A filosofia está em todo lugar, até mesmo nos "fatos" – e ela não tem nenhum lugar de domínio no qual esteja preservada do contágio da vida", escreve Merleau-Ponty em *Signes*. Resta, pois, à filosofia a "prospecção do mundo atual", justamente "porque estamos no mundo, porque nossas reflexões nascem no fluxo temporal que procuram captar". A falar de "fatos" e de "mundo atual", Merleau-Ponty antecipava a crítica à ciência que se basta com suas experimentações, suas provas e axiomas, liberada das questões "arcaicas" da origem, do fundamento e da experiência do pensamento. O desenvolvimento das ciências tende a enfraquecer a noção de saber. Ou melhor, assistimos à ruína da "nobre arquitetura" construída com os dois pilares da ciência e do saber diante da convicção moderna de que qualquer *saber* que não traga na sua estrutura um *poder* efetivo tem apenas importância "convencional": "Qualquer saber só tem valor se for descrição ou receita de um poder verificável" – escreve Valéry – "Desde então uma metafísica e mesmo uma teoria do conhecimento, quaisquer que sejam, encontram-se brutalmente separadas e distanciadas daquilo que é tido, mais ou menos conscientemente, *por todos*, por único saber real... Da mesma maneira, ética e estética se decomõem por si mesmas em problemas de legislação, estatística, história ou fisiologia... e em ilusões perdidas". A nova realidade proposta pela tecnociência força-nos a voltar ao pensamento, a repor a velha arquitetura ciência-saber.

A derrota do pensamento tem também outra origem: manipulamos objetos técnicos que fazem operações sem que tenhamos o mínimo conhecimento do seu funcionamento. Eles são capazes de responder a complicadas questões sem que possamos seguir a lógica mais elementar. A neurociência penetra nos arcanos do cérebro e põe, a cada dia, novos problemas para a percepção e novas questões sobre a natureza do homem. Mas além da inércia e das lamentações dos intelectuais, predomina a impotência do espírito para voltar-se sobre si mesmo e criar potências do espírito que se oponham ao espírito científico. A situação hoje certamente não é a mesma de quando o espírito podia exercer a função crítica: na modernidade, o *espírito crítico* estava em todas as áreas da atividade humana: *crise* da política, *crise* da ciência, *crise* das mentalidades, *crise* da crise... etc. Suspeitamos que o saber e o poder criados pela razão e pela racionalidade técnica, que resultaram na tecnociência – esta nova realidade do conhecimento –, estejam dificultando o trabalho do espírito. É preciso, pois, emancipar o espírito de sua própria criação. Hoje, quando a *mutação* toma o lugar da crise, o espírito sente-se à deriva. Como observa Paul Valéry, "aquilo que nós mesmos criamos conduz-nos para onde não sabemos e para onde não queremos ir". A sensação é a de que o espírito perdeu o controle e o poder de operar e de saber. Uma das teses centrais de Valéry é: *Je ne sais que ce que je sais faire*. O verdadeiro conhecimento consiste, pois, não em compreender as coisas, os pensamentos e os seres apenas, mas em fabricá-los, experimentá-los. A experiência opera sobre os dados da natureza, da sociedade e do próprio pensamento.

Diante da desordem e da banalidade do mundo, somos convidados a repensar conceitos como espaço, tempo, velocidade, afetividade, natureza, costumes, experiência, vazio, informação, esquecimento, memória, crença, tradição etc. Interroguem, pois, sem aguardar respostas decisivas.

## pensar em pessoa

JOSÉ MIGUEL WISNIK

Esta edição do ciclo **MUTAÇÕES** nos convida a uma reflexão pública sobre a contemporaneidade, atenta à urgência de assuntos que estão a redefinir nosso cotidiano, como é o caso do poder da tecnociência, suas verdades e fatalidades. Nossas interrogações são muitas e proliferam com o desdobrar dos acontecimentos, a cada vez que uma nova possibilidade de manipulação da vida ou de interferência genética em um organismo acende em nossa imaginação a incerteza sobre os efeitos de seu uso. Além disso, não sabemos quais serão os rumos e contornos da economia e da sociedade, que hoje se reorganizam em virtude da convergência digital e do desenvolvimento da microeletrônica. A cada dia o espaço de nossas cidades se virtualiza, em conjunto com nossas esferas políticas e comunicacionais. O que ADAUTO NOVAES nos propõe como indagação em sua curadoria é como fica a experiência do pensamento nestas novas condições em que se encontra a humanidade.

Todos esses assuntos dizem respeito ao MINISTÉRIO DA CULTURA. Não só porque condicionam sua política pública, mas também porque é de sua responsabilidade o estímulo e a manutenção de espaços qualificados de pensamento. Diria que é nossa tarefa garantir condições para que a complexidade da esfera pública seja sempre alimentada. Esse foi o espírito que, desde a gestão de GILBERTO GIL, nos guiou e nos fez afirmar a necessidade de um programa de Estado que fomentasse a articulação entre a crítica cultural, a inteligência especializada, a pesquisa universitária e tantos outros agentes que compõem o espaço público contemporâneo.

No momento em que o Brasil esboça uma liderança internacional e apresenta sinais de que suas potencialidades para reação à crise financeira e econômica são maiores do que as de boa parte do mundo desenvolvido, torna-se ainda maior a importância do debate entre nós sobre temas estratégicos. Que todos os envolvidos no ciclo **MUTAÇÕES** investiguem estas e outras pautas, encarando-as como desafios com os quais a inteligência também se defronta no cotidiano. Nossa cidadania de hoje é a construção responsável do futuro, para que as próximas gerações absorvam o legado de séculos a que damos o nome de cultura e esta seja sua bússola na aventura por outros continentes da experiência humana.

JUCA FERREIRA

Ministro da Cultura

Para além de um sistema filosófico, Fernando Pessoa erigiu o princípio negador como fundamento, através de vozes poéticas que tanto se ressoam quanto se contestam. Assim, encarnou um pensar incansável por meio de um conjunto aberto de heterônimos. Mas a potência dessa espantosa construção poética em perspectiva não se confunde com um fraco relativismo: verdade é o que passa através das vozes, buscando desígnio. José Miguel Wisnik *é professor de literatura na USP.*

## a representação técnica do mundo e a inexperiência do pensamento

FRANKLIN LEOPOLDO E SILVA

Para se refletir sobre a experiência do pensamento no contexto das *mutações*, serão percorridos alguns caminhos fundamentais: em primeiro lugar, a discussão da tese bergsoniana acerca do caráter natural da inteligência técnica; a seguir, de acordo com pensadores como Baudrillard, a desvinculação da imagens contemporâneas que povoam a cultura de suas realidades originais; por último, a partir do conceito de tecnociência, a assertiva de que a nossa época opera a não-experiência do pensamento.

Franklin Leopoldo e Silva *é professor de filosofia na USP.*

## heidegger, a técnica e o pensamento

OSWALDO GIACOIA JÚNIOR

Em 1959, Heidegger publicou um artigo de jornal sobre a dificuldade de se encontrar uma concepção de história adequada ao domínio da técnica moderna e, conseqüentemente, da ciência. Portanto, já naquele momento o filósofo procurava pensar acerca das mutações que o universo da tecnociência engendrava. Desse modo, tentar compreender hoje a escalada dinâmica e compulsiva da racionalidade técnico-científica, na direção até mesmo da destruição das possibilidades de uma autêntica vida humana na Terra, significa por certo o caminho mais adequado para se conquistar pelo pensamento a capacidade de subtrair-se à compulsão.

Oswaldo Giacoia *é professor de filosofia na Unicamp.*

## o que poincaré sussurrou para valéry

LUIZ ALBERTO OLIVEIRA

É possível afirmar que, no âmbito da ciência, a noção de acontecimento passou por uma profunda transformação ao longo do século 20. Avanços como a mensuração indeterminista, as matemáticas deslineares e a evolução cósmica deslocaram as figuras clássicas do sujeito e do objeto do conhecimento, tornando obsoletos os pressupostos da cosmovisão positivista. Será que a filosofia pode abarcar o que a ciência atual *pensa*?

Luiz Alberto Oliveira *é doutor em Cosmologia.*

## o que é pensar? aventuras do pensamento entre a antiguidade e a modernidade

FRANCIS WOLFF

Em uma viagem que cobrirá o tempo entre a Antiguidade e a Modernidade, serão examinadas as diferentes modalidades do pensamento racional. Assim, ficarão face a face as racionalidades teóricas (“filosófica ou científica”), práticas (“moral ou política”) e o pensamento poiético (ou “técnico”), para que seja possível discutir a tese da perda da autonomia do pensamento racional na atualidade.

Francis Wolff *é professor de filosofia na Universidade de Paris X.*

## ciência e natureza: deslimites da razão e esgotamento ético

OLGÁRIA MATOS

A modernidade, que inaugurou o desencantamento psíquico e cultural, é dominada pelo princípio de realidade produzido pela razão instrumental, pragmática, funcionalista e despersonalizadora, indiferente aos objetos sobre os quais exerce poder e dominação, impondo o reino da necessidade como medida e conteúdo da *vida do espírito*, esvaziando, assim, a experiência da liberdade.

Olgária Matos *é professora de filosofia na Universidade de São Paulo.*

## os confins indeterminados do moderno

CLAUDE IMBERT

A discussão sobre o conceito de *moderno*, cuja origem é filosófica, será tratada em três tempos: em primeiro lugar, o moderno na forma de um processo, de um parafuso sem fim. A seguir, serão examinadas algumas ideias de Merleau-Ponty, Lévi-Straus e Marcel Mauss relativas à reconstrução de conceitos que ocupavam os espíritos europeus a partir do fim da Segunda Guerra Mundial. Por último, a atualidade, quando o determinismo cede por inteiro espaço para uma indeterminação positiva, com o aleatório alimentando a imanência do presente processo de globalização, que se exhibe em ritmos heterogêneos.

Claude Imbert *é professora de filosofia na Escola Normal Superior de Paris.*

## como nossos jovens pensam?

PASCAL DIBIE

Como atualizar a base rudimentar que permitiu a instalação desse pedestal que se chama pensamento? Como pensam os jovens hoje? A relação com o saber é explosiva e impõe-se por um viés inesperado, pois estabelecido fora de nós: a cibernética. O pensamento, que confere sentidos, que marca e remarca quem o pratica, resultado de experiências coletivas, constrói, hoje, mundos que não mais se acessam.

Pascal Dibie *é professor de antropologia na Universidade de Paris VIII.*

## o paradoxo da imaginação: fonte do pensamento, fim da crença

EUGÈNE ENRIQUEZ

Sabe-se que é impossível pensar sem imaginação. Mais especificamente, que há em todo pensamento teórico ou prático um *imaginário radical*. Junto deste, há o *imaginário iludente* (Jacques Lacan), que funciona como crença. Hoje, quando a *imaginação iludente* tornou-se invasiva, a questão é saber se há espaço para a partilha da descoberta ou para as éticas da discussão e da finitude.

Eugène Enriquez *é professor de Sociologia na Universidade de Paris VII.*

## da morte do sujeito à invenção de si: rumo a uma nova experiência de pensamento

FRÉDÉRIC GROS

Após anunciar na década de 1960 as mortes do homem e do sujeito, Michel Foucault vai reexaminar, na década de 1980, a sabedoria e a espiritualidade dos pensadores gregos e latinos. Se hoje levamos em conta as técnicas de produção de objetos ou as técnicas de comunicação, para os antigos há de se falar das técnicas *de si*, ou seja, das técnicas da existência. Essas técnicas antigas e há muito esquecidas são aquelas por meio das quais o sujeito confere forma à sua vida, esculpe sua própria alma. Evocá-las agora significa dotar o pensamento de novas experiências que poderão ajudar bastante no sentido de salvar a todos da desumanização produzida pelas máquinas e sistemas anônimos contemporâneos.

Frédéric Gros *é professor de filosofia na Universidade de Paris XII.*

## ciências e metafísica: cooperação impossível?

PAUL CLAVIER

É comum, desde Bergson, deplorar a sorte de uma humanidade que sofre, “semi-esmagada sob o peso dos progressos que fez”, e pede “um acréscimo de alma” a título de anestesiante. Uma vez que caberia à metafísica tal acréscimo, dá-se o contraste entre as tecnociências e questões últimas: “Por que existe algo ao invés de nada?”, “a obra de arte traz significação?”, “pode-se definir o bem comum na política” etc.

Paul Clavier *é professor de filosofia na Escola Normal Superior de Paris.*

## pensar o mal hoje: de auschwitz a hirosshima até o fim do mundo

JEAN-PIERRE DUPUY

O mal está tradicionalmente relacionado com a intenção de quem o comete. Os horrores do século 20 deveriam ter-nos ensinado que isso é uma ilusão. O absurdo é que um mal imenso possa ser causado por uma completa ausência de malignidade; que uma responsabilidade monstruosa possa caminhar junto com uma total ausência de más intenções. Nós tivemos a trágica *experiência* disso, mas ainda nos falta *pensá-lo*.

Jean-Pierre Dupuy *é professor de filosofia na Escola Politécnica de Paris e na Universidade de Stanford.*

## há situações em que é imoral pensar?

VLADIMIR SAFATLE

A partir de uma consideração de Adorno sobre o imediato dever de se dar abrigo a um refugiado político perseguido por um estado policial, coloca-se a questão da existência de momentos em que se torna imoral pensar (no sentido de operar cálculos racionais no lugar da ação imediata). Serão tratados, assim, temas como a tortura e a compaixão, no sentido do sentimento de solidariedade com o corpo torturável.

Vladimir Safatle *é professor de filosofia na USP.*

## imagem-língua, imagem-mercadoria, imagem sem imaginação: a fabricação industrial de signos visuais num tempo em que o olhar se indistingue do trabalho

EUGÊNIO BUCCI

Na era digital, com as chamadas “redes interconectadas”, os ícones na tela do computador ou do celular articulam uma nova língua. São, também, exemplos dessa nova língua a filmografia mercadológica atual, em que imagem e fala reafirmam-se, e os games, que processam um mesmo discurso. Assim, o olhar tornou-se uma forma de trabalho, uma vez que é a partir dele que se geram os signos visuais industrializados.

Eugênio Bucci *é jornalista e professor na ECA-USP.*

## pensamento, crença, metáfora

RENATO LESSA

As crenças importam para a filosofia política em três sentidos fundamentais: em sentido trivial, a filosofia política reconhece a existência das crenças; em sentido menos trivial, a filosofia política inventa e dissemina crenças; em sentido não trivial, a filosofia política exige a presença de um conjunto de crenças básicas e nem sempre explícitas: trata-se de crenças fortes que agem como condições de possibilidade de crenças secundárias.

Renato Lessa *é professor de teoria política no IUPERJ e na UFF.*

## o bem comum e a vontade geral

NEWTON BIGNOTTO

Assistimos a uma transformação tão radical de nossas condições de vida que, por exemplo, não mais reconhecemos os traços fundamentais do mundo de nossos avós como parte do nosso, de modo que, arrastados pela força da tecnociência, a filosofia e os estudos sociais não conseguem mais responder à questão fundamental do bem comum, que se confunde com a vontade geral e o estado em que reina a esfera jurídica.

Newton Bignotto *é professor de filosofia na UFMG.*

## a razão niilista, o intelecto e o espírito

ANTONIO CICERO

Para Heidegger, a grande tradição filosófica – a *filosofia primeira* ou metafísica – ocidental, de Platão e Aristóteles a Nietzsche, é niilista. Para ele, a essência do niilismo consiste no abandono do *ser*, o que, de certa forma, corresponde à valorização do *ente*. As propostas são, portanto, reconsiderar o niilismo e estabelecer relações entre ele e a metafísica, bem como a filosofia e a razão.

Antonio Cicero *é poeta e filósofo.*

## ética e política: fim ou renovação?

SERGIO PAULO ROUANET

A partir da ideia do fim de tudo vigente até um tempo recente, vai-se falar da extinção da ética e da política, engolidas que foram pela tecnocracia. Assim, o complexo técnico-científico vai deslocar a questão da moralidade para a esfera privada, com o espaço público tornando-se eticamente neutro. Contudo, a crise global que estamos atravessando talvez sugira algumas perspectivas mais otimistas.

Sérgio Paulo Rouanet *é diplomata e Doutor em ciência política pela USP.*

## experiência e ficção em wittgenstein

JOÃO CARLOS SALLES

O mental parece anteceder a experiência; parece, mesmo, ser a condição dela. Logo, o etéreo corresponde ao objetivo, ao fundante, condição com que Wittgenstein depara-se sempre, mais logicamente do que metafisicamente, ou seja, mais como condição para a significação do que como causa dela. O que há então são narrativas ou gramáticas que não necessariamente correspondem ao mundo efetivo.

João Carlos Salles *é professor de filosofia na Universidade Federal de Bahia.*

## memória e experiência: tempos antiprometeicos?

FRANCISCO DE OLIVEIRA

Prometeu roubou o fogo dos deuses e deu-o aos homens. Foi então, com ele, que começou o humano, a capacidade de autofazer-se, o conhecimento, que se tornou atividade permanente de todos nós. Com a tecnociência, que tudo acelera e descarta, de processos e produtos aos próprios sujeitos, bem como as sociedades que eles criavam até pouco – de classes? –, como retomar o fogo que fazia de nós humanos?

Francisco de Oliveira *é professor de sociologia na USP.*

## mistérios de um mundo sem mistérios

JORGE COLI

Arte de um lado, ciência, tecnologia, racionalidade do outro. Antigo debate que pulsa como uma exigência oculta num mundo dominado pela máquina das teorias operacionais. O debate, no entanto, falseia numa falha: os planos não são os mesmos. Perceber e sentir pressupõem um corpo, capaz de inserir o homem no mundo, num estrato mais profundo do que o conceito, do que a formulação pela linguagem.

Jorge Coli *é professor de história da arte e cultura na Unicamp.*